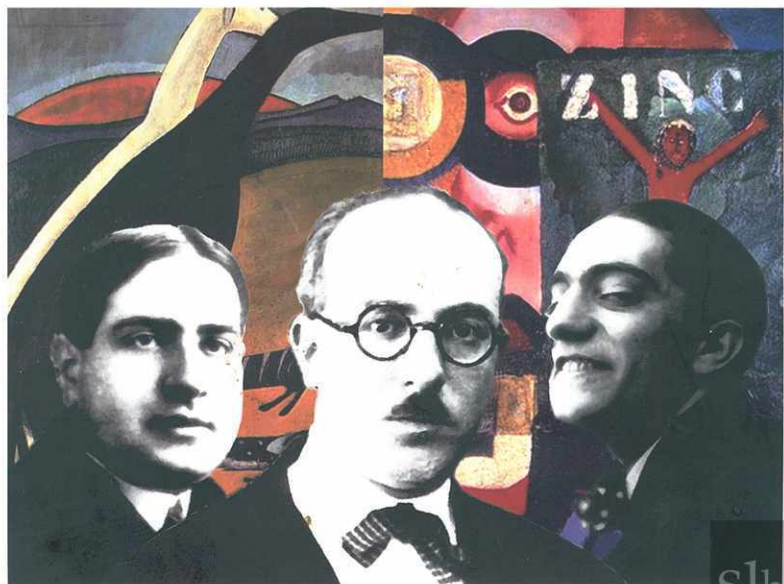


DICIONÁRIO DE FERNANDO PESSOA E DO MODERNISMO PORTUGUÊS

coordenação
FERNANDO CABRAL MARTINS



CAMINHOS

Shi

DICIONÁRIO DE FERNANDO PESSOA
E DO MODERNISMO PORTUGUÊS
COORDENAÇÃO DE FERNANDO CABRAL MARTINS

Ilustração da sobrecapa: João Botelho

Paginação: Júlio Matias

Revisão: Fernanda Fonseca e Luís Manuel Gaspar

Seleção iconográfica: Luís Manuel Gaspar e Rui Mário Gonçalves

© Editorial Caminho — 2008

Tiragem: 4000 exemplares

Impressão e acabamento: NORPRINT, ARTES GRÁFICAS

Data de impressão: Outubro de 2008

Depósito legal n.º 282 634/08

ISBN 978-972-21-1985-6

www.editorial-caminho.pt



DICIONÁRIO
DE
FERNANDO PESSOA
E DO MODERNISMO PORTUGUÊS

coordenação

FERNANDO CABRAL MARTINS

CAMINH-O

S|hi

cações periódicas dirigidas por mulheres — de que são exemplos *Lusitânia* (1924-1927) e *Sociedade Futura* (1902-1904). *Europa* apresenta secções de cinema, teatro, desporto, moda, tauro-maquia, divulgação científica e artística, resen-sões de livros — nomeadamente, do *Pierrot e Arlequim* de Almada Negreiros — e alguma colaboração literária, que vai da literatura fantástica e policial à produção de Florbela Espanca (*Charneca em Flor*), Américo Durão (*Sonetos para a Ausente*) ou Aquilino Ribeiro (excerto de *Filhas de Babilónia*). Profusamente ilustrada, a revista apresenta desenhos da autoria de, entre outros, Eduardo Malta, Jorge Barradas e Bernardo Marques — sendo as capas da autoria dos dois últimos — e fotografias de José Van-Zeller Palha, Mário Novais, Rocha Vieira e Serra Ribeiro. Revista ecléctica, dirigida a públicos vários e abrangendo diversas áreas do saber, *Europa*, como o seu nome indica, assume-se como publicação cosmopolita interessada na actualidade portuguesa e internacional. Assim, destaca não só o primeiro Salão de Outono, a Exposição de Amadeo em Paris, a arquitectura de José Pacheco e Carlos Ramos, o Teatro Novo de António Ferro ou as criações do bailarino Flo-rêncio, mas igualmente, o manifesto do Groupe Vouloir, a Exposição Internacional das Artes Decorativas e Industriais Modernas de Paris, a cinematografia moderna, ou o teatro de Luigi Pirandello.

BIBL.: PIRES, Daniel, *Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do Século XX (1900-1940)*, Lisboa, Grifo, 1996; TEIXEIRA, Judith, *Poemas*, Lisboa, & etc, 1996.

Sara Afonso Ferreira

EXÍLIO. Surgiu em Lisboa em Abril de 1916, sob a direcção de Augusto de Santa-Rita e com o subtítulo *Revista Mensal de Arte, Letras e Ciências*. O número único da revista, dividido em três secções («Literatura», «Música» e «Ciência, Filologia e Crítica»), contou com a colaboração de Pedro de Meneses (pseudónimo de Alfredo Pedro Guisado), Teófilo Braga, Fernando Pessoa, António Sardinha, Augusto de Santa-Rita, António Rita-Martins, Martinho Nobre de Melo, Côrtes-Rodríguez, David de Sousa, António Ferro, J. Leite de Vasconcelos, Cláudio Basto e Vito-

riano Braga. O editorial, assinado por Augusto de Santa-Rita, justifica o título da publicação e traça-lhe, numa sequência de analogias, metáforas e paralelismos de estudado efeito retórico, um programa estético em que se reconhece a marca do Decadentismo:

«Em praias de Mistério exilada a nova geração literária, através desta revista, como Cristo, disposta a crucificar-se em calvário de Beleza, reivindica hoje para si o direito da sua autocracia moral impondo à massa amorfa de um povo de inconscientes emotivos um novo credo [...]. / Novo Cristo do Ideal, como Ele outrora no alto da colina em terras de Arimatea, ela nos aparece ufana do seu Prestígio, por entre o cepticismo dos fariseus modernos, em parábolas d'oiro apregoando a sua Bíblia nova. [...] / *Exílio*: — será pois o estandarte da nova Geração. *Exílio*: — será a Bandeira a cujo pano um punhado de soldados do / Pensamento, gritará a vitória dos seus ideais. / *Exílio*: — será o pano de Arrás onde o engenho da nossa Arte bordará a bizarría das suas concepções. / *Exílio*: — será a barca da Aventura onde a Alma do marinheiro luziada, incarnada no Poeta, regressará da Índia do seu Sonho, por novos caminhos, à Pátria do seu berço. / *Exílio*: — será finalmente a linda praia em desterro onde voluntariamente se expatriarão todos os que, independentemente de cor política, confiam ainda no ressurgimento de Portugal pelos novos» (pp. 5-6).

Nestes termos retoricamente saturados apresenta Augusto de Santa-Rita uma revista que, situando-se no intervalo histórico entre *Orpheu* e *Portugal Futurista*, parece, como diz Teresa Almeida no prefácio à edição fac-similada, «singularmente fora de tempo». De facto, *Exílio* é uma publicação intercalar no contexto das revistas do Modernismo, retomando lugares-comuns do Decadentismo como o culto da Beleza, o gosto do vago, do impreciso e do nebuloso, o exotismo e a temática da evasão, o fascínio pelo mistério, a evocação dos antigos Impérios (Bisâncio, Babilónia) e uma certa imagística do poente e das sombras, traduzindo figurativamente a angústia do tempo. Inscrevendo-se numa linha de tradição, a revista representa, por assim dizer, um retrocesso em relação à vanguarda órfica. São disso exemplo os quatro sonetos de Pedro Meneses aí publicados (recolhidos depois no volume *Anfora*), os poemas *Tua Presença* e *Céu* de Augusto de San-

ta-Rita, e os quatro poemas do conjunto *Via-Sacra*, de Côrtes-Rodrigues.

Mas o Decadentismo conjuga-se em *Exílio* com um projecto nacionalista que, ainda no dizer de Teresa Almeida, «neste princípio de século parece estar por detrás de ideologias de sinal contrário, quer elas sejam a da *Renascença* ou a do *Integralismo Lusitano*». Esse projecto nacionalista surge diversamente matizado nas colaborações de Augusto de Santa-Rita, de António Sardinha ou de Pessoa. O soneto *Sinal da Raça*, do primeiro, não é mais do que uma evocação lírica, ao gosto tradicional, desencadeando associações épicas: «Teus olhos verdes, filhos da Paisagem, / São netinhos do Mar, do avô Oceano... / Deles se evola espiritual aragem, / Ó minha Primavera em todo o ano! // [...] // Em teus olhos perpassa, sonha e reza / Nossa eterna Epopeia e a suavidade / Da antiga e ingénua graça portuguesa...». Já o texto de António Sardinha «A Colina Inspirada» vai buscar o seu título a um dos livros de Maurice Barrès, guia do movimento nacionalista em França (*La Colline Inspirée*, 1913) e, sob a capa da efabulação histórica, faz inequivocamente a apologia dos valores integralistas. Como faz notar Teresa Almeida, «desprende-se deste texto toda uma mitologia, tristemente anunciadora daquela que será recriada pelo imaginário fascista», nomeadamente a «metafísica da Raça», a «sedução do canto guerreiro» e a «apologia da morte». Destaquemos alguns fragmentos textuais, onde se manifestam também noções-chave do discurso barrèsiano, como a determinação hereditária, ou o culto da tradição e da disciplina:

«Eu moro agora nas vizinhanças duma colina inspirada, onde sopra o Vento-do-Espírito, como nessoutra em que Barrès escutou o diálogo eterno da campina com a ermida. Peregrino das grandes emoções, todas as tardes a subo, quando o poente não é mais que uma ferida rubra inflamada. [...] / Todas as tardes a subo, porque ela — a colina inspirada — ensina-me a suprema lição da Terra e dos Mortos. É bem um subo de energia nacional que eu ando a tirar pelas lentas calmas de agosto [...]. / Aqui verteu-se sangue, — e sangue propiciatório [...]. / Ajoelhemos! Estamos em frente dum altar em que a divindade é a raça e os sacerdotes somos nós. Ajoelhemos! Na expressão parada do olivedo adivinha-se a recordação do sangue derramado. A charrua com que a geira

é amanhada não perdeu ainda o talhe da espada antiga. O ferro que hoje nos lavra a courela é ainda o ferro que ontem a recuperou. Ajoelhemos, com os olhos da carne fechados, para que os outros, os de dentro, se possam abrir. No alto da colina o Vento-do-Espírito vai ouvir-se. Crescendo em surdina do vale, a estrofe errante do Passado é, agora ao crepúsculo, como que um grito súbito de Anunciação. [...] / É este o terreno mais que bendito em que os avós de Seiscientos brigaram com os soldados de Castela “uma singular e profiada batalha que durou das nove da manhã até se çarrar a noite” [...]. Eu a evoco — a essa “singular e profiada batalha”, debruçado para o meu atavismo à procura dalguma reminiscência hereditária [...]» (pp. 17-19).

Pessoa, por seu lado, vai ao encontro das preocupações nacionalistas de *Exílio* ao colaborar na revista com o texto «Movimento Sensacionista», onde retoma algumas ideias poéticas desenvolvidas nos artigos sobre «A Nova Poesia Portuguesa» publicados em 1912 em *A Águia*. Pessoa distancia-se, todavia, de um projecto político, concentrando-se num projecto poético cuja finalidade diz ser «a da reconstrução da literaturar e da mentalidade nacionais» (p. 46). Já no artigo «A Nova Poesia Portuguesa sociologicamente Considerada» identificara a «vitalidade de uma nação» com «a sua exuberância de alma, isto é, a sua capacidade de criar [...] *novos moldes, novas ideias gerais*, para o movimento civilizacional a que pertence». Agora, reitera a noção de que a poesia é a realização das potencialidades criativas de uma nação. A pretexto da revisão crítica de dois livros de poesia, *Elogio da Paisagem* de Pedro de Meneses e *As Três Princesas Mortas num Palácio em Ruínas* de João Cabral do Nascimento, refere o Sensacionismo como um florescimento da alma nacional, uma manifestação de ressurgimento pátrio: «Tudo isto representa — outro sentido não pode ter — uma instância da Hora da Raça, que, sentindo a necessidade de realizar Cosmópolis em si, se vira para o único núcleo de artistas que, além de darem ao seu instinto de Chefes a garantia primária de serem quasi todos homens de génio, que tomaram de nascença nas mãos o pendão da Raça (há tanto tempo bolorejando no tûmulo de Camões, de Garrett ou de outros *bric-à-brac*), representam, manifestamente, uma plêiade luzida que nas suas

obras enfeixa, com o máximo utilizável do sentimento português, o máximo aproveitável nas actuais correntes europeias» (p. 46). Aproveitando para recordar, em termos cáusticos, a recepção crítica de *Orpheu*, Pessoa define o movimento sensacionista como «primeira manifestação de um Portugal-Europa», em ruptura com a «estreiteza crónica» da cena literária contemporânea, em que se destacam «a tísica espiritualidade [...] dos tristes poetas da nossa Renascença» e «o neo-huguiísmo (grande embora) do actual chefe honorário da intelectualidade portuguesa» (*ibidem*). O poeta procura assim conciliar anseios contraditórios, o desafio cosmopolita de *Orpheu* e o sentimento nacional de *Exílio*. De notar, ainda, que o Sensacionismo que Pessoa descreve neste texto nada tem a ver com aquele a que Campos dá voz teórica e poética («Ah não ser eu toda a gente e toda a parte!»), identificando-se muito mais com o Decadentismo entrevisto nos volumes poéticos de Pedro de Meneses e de Cabral do Nascimento.

Fernando Pessoa colabora também em *Exílio* com o poema *Hora Absurda*, datado de Julho de 1913. Vinculado à estética decadente e simbolista da primeira fase de Pessoa ortónimo, o texto constrói-se sobre uma série de frases-definições («O teu silêncio é uma nau com todas as velas pandas...», «Meu coração é uma ânfora que cai e que se parte...», «Minha alma é uma caverna enchida pla maré cheia», etc.) que objectivam o subjectivo (ou vice-versa) e obedecem a uma estrutura metafórica recorrente, em que o nome vem acrescentado de atributos que lhe retiram uma ou mais propriedades fundamentais («nau com todas as velas pandas», «ânfora que cai e que se parte», «cadáver que o mar traz à praia», «no meu céu interior nunca houve uma única estrela», «o palácio está em ruínas», «fonte sem repuxo», «um manuscrito com a frase mais bela cortada», etc.). Esta estrutura metafórica sugere a não-realização, a frustração, do mesmo modo que na poesia de Sá-Carneiro as imagens dos «castelos desmantelados», dos «leões alados sem juba», da «asa que se elançou mas não voou», das «ogivas para o sol [...] cerradas», dos «templos aonde nunca pus um altar», dos «rios que perdi sem os levar ao mar» e das «mãos de herói, sem fé, acobardadas» se constroem dentro do paradigma da falta e da falha.

O poema *Hora Absurda* harmoniza-se com os padrões que Pessoa reclama para a nova poesia portuguesa — o vago, a subtilidade, a «ideação complexa» — e ilustra também alguns aspectos essenciais da poesia do ortónimo: a consciência da consciência («A minha consciência de ter consciência de ti é uma prece, / E o meu saber-te a sorrir é uma flor murcha a meu peito... //... // Eu sou um dóido que estranha a sua própria alma... [...]»), a oposição consciência/vida («A Hora sabe a ter sido...»), a perda da felicidade («Todos os ocasos fundiram-se na minha alma»), o paradoxo («Não é alegria nem dor esta dor com que me alegro»), as associações abstracto-concretas («Hoje o céu é pesado como a ideia de nunca chegar a um porto...») e sobretudo essa «poética da *Ausência radical e absoluta*» que, no dizer de Eduardo Lourenço, «constitui o centro da esfera sem circunferência da visão trágica e niilista de Fernando Pessoa» (LOURENÇO 1983: 218).

BIBL.: ALMEIDA, Teresa, «Nacionalismo e Modernismo. O Projecto *Exílio*», pref. a *Exílio*, ed. fac-similada, Lisboa, Contexto Editora, 1982; PESSOA, Fernando, *Textos de Crítica e de Intervenção*, Lisboa, Ática, 1980; PIRES, Daniel, *Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do Século XX (1900-1940)*, Lisboa, Grifo, 1996.

Clara Rocha

EXPOSIÇÕES DOS HUMORISTAS.

Numerosas exposições foram realizadas sob a égide do humor, mas, entre aquelas que se apresentaram com o título *Exposições dos Humoristas*, devem ser referidas apenas, dentro do restrito âmbito do Modernismo, aquelas que surgiram na segunda década do século XX, pois corresponderam a uma movimentação cultural inovadora e libertária, derivada da implantação da República (1910), e nelas apareceram alguns dos principais pioneiros da modernidade.

Efectivamente, em 1911, Stuart Carvalhais e Joaquim Guerreiro criaram uma Sociedade de Humoristas Portugueses que, em 1912, promoveu a I Exposição dos Humoristas, no Grémio Literário (Lisboa), reunindo vinte e oito artistas. A exposição constituiu um sucesso, tendo o presidente da República Manuel de Arriaga adquirido um desenho a cada um dos expositores. Rafael